

CORRESPONDÊNCIA EPISTOLAR  
ENTRE MARTINS SARMENTO E NERY DELGADO

COLIGIDA E ANOTADA

Por

O. DA VEIGA FERREIRA

I — INTRODUÇÃO

Em 1947, o insigne investigador vimaranense Coronel Mário Cardozo publicou, anotada e coligida por ele, em magnífica memória, a correspondência epistolar entre o sábio alemão Emilio Hübner e o grande Martins Sarmento (1).

Mais tarde, em 1958, seguiu-se a correspondência epistolar entre J. Leite de Vasconcellos e Martins Sarmento.

Qualquer destas grandes publicações trouxeram, como é óbvio, ao conhecimento do público troca de impressões dum valor inestimável entre esses grandes investigadores das nossas antiguidades durante um período largo das suas vidas de estudiosos.

A correspondência epistolar que agora nos propomos trazer a público não é de forma nenhuma tão abundante, como a trocada entre Martins Sarmento e aqueles arqueólogos citados, mas tem, em nosso entender, um interesse particular, pois vai de 1877 a 1885, abrangendo a realização do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueo-

---

(1) «Emilio Hübner foi um dos estudiosos mais eminentes do século passado, princípios deste século. Deve-se a ele o monumental Corpus de inscrições lapidares pré-romanas, romanas e gregas da Península.

Mario Cardozo. Correspondência epistolar entre Emilio Hübner e Martins Sarmento — Arqueologia e Epigrafia 1879 - 1899 Guimarães, 1947.

logia Pré-históricas que teve lugar, em Lisboa, no ano de 1880 e foi organizado por Carlos Ribeiro e Nery Delgado.

Além disto fala-se, nesta correspondência epistolar, da Citânia de Briteiros a importante estação arqueológica que com tanto entusiasmo e preferência começou a ser escavada e conhecida no mundo inteiro pela mão, e unicamente a expensas, do benemérito Doutor Francisco Martins Sarmiento. Nessa correspondência fala-se também doutras antiguidades. Algumas delas revelaram-se de grande importância para o estudo da Idade do Ferro no Noroeste peninsular.

## II — ALGUNS SUBSÍDIOS BIO-BIBLIOGRÁFICOS SOBRE MARTINS SARMENTO

Martins Sarmiento, de seu nome completo Francisco de Gouveia Moraes Martins Sarmiento nasceu a 9 de Março de 1833 na cidade de Guimarães e morreu num prédio antigo do Largo do Carmo em Guimarães a 9 de Agosto de 1899 com 66 anos de idade. Era filho de Francisco de Gouveia Moraes Sarmiento que por 1822 era oficial de milícia em Braga, e de Dona Joaquina de Araújo Martins.

Frequentou Martins Sarmiento as primeiras letras em Guimarães entrando na escola aos oito anos de idade e, terminada a instrução primária foi estudar latim no colégio da Lapa no Porto, concluindo seguidamente os restantes preparatórios em Coimbra, aos quinze anos, e matriculando-se então na Universidade onde terminou o curso de Direito em 1853 tendo apenas vinte anos.

Martins Sarmiento repartiu a sua actividade como investigador em dois sectores: as explorações de terreno, em particular a Citânia de Briteiros e o Castro de Sabroso, e as investigações no campo humanístico e de especulação científica.

Mário Cardozo diz com muita razão que Martins Sarmiento foi acima de tudo um etnólogo de robusto saber.

Dois trabalhos marcam, sem dúvida, o grande saber deste incansável obreiro de humanidades: *Os Argonautas* e a *Ora Marítima*. Além destes trabalhos de maior fôlego publicou ainda: *Os Gregos no noroeste da Ibéria, Lusitanos, Ligures e Celtas, Os Celtas na Lusitânia*.. Sobre arqueologia publicou: *A propósito das estátuas galaicas, Acerca das*

*escavações em Sabroso, Sobre as antiguidades da Ibéria, A propósito de Castros, Materiais para a arqueologia do Concelho de Guimarães,* etc.. Sobre arte pré-histórica publicou ainda: *A arte pré-romana, A arte micénica no Norte da Espanha,* etc., etc. Seria um nunca mais acabar de referências a trabalhos e estudos deste fecundo homem de ciência que tudo deu pelos estudos arqueológicos, ligados ao estudo do homem: dinheiro, tempo, saúde... enfim tudo!!...

### III — ALGUNS SUBSÍDIOS BIO-BIBLIOGRÁFICOS SOBRE NERY DELGADO

Joaquim Filipe Nery da Encarnação Delgado nasceu em Elvas a 26 de Maio de 1835 e morreu a 3 de Agosto de 1908 com 73 anos de idade. Em 1884 entra para o Colégio Militar matriculando-se depois na Escola Politécnica e seguidamente na Escola do Exército. Em 1856 com o posto de Alferes de Engenharia entrou para o Ministério das Obras Públicas. Depois da criação da Comissão Geológica, em Agosto de 1857, Nery Delgado foi nomeado membro adjunto. Em 1868, com o General Carlos Ribeiro, foi encarregado de vários trabalhos na continuação da direcção daquela secção geológica.

Um ano mais tarde foi estabelecido o Serviço Geológico e Nery Delgado retomou as suas funções até à morte de Carlos Ribeiro sucedendo a este na direcção do Serviço em Novembro de 1882.

O seu labor como geólogo, paleontologista e arqueólogo foi fecundo nos Serviços Geológicos. Dedicando-se ao Paleozóico fez uma obra que ainda hoje serve de base aos modernos estudos sobre aquele andar geológico. Foi o primeiro geólogo a debruçar-se sobre o estudo dos grés do Buçaco que ainda hoje constitui problema não resolvido e que tem feito dizer tantas inconveniências!!!

Na Pré-história revelou-se Nery Delgado um obreiro seguro e duma actividade muito apreciável. As suas escavações nas grutas da Furninha e da Cesareda apresentadas ao IX Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-históricas grangearam-lhe grande fama no mundo científico.

A sua bibliografia é vasta e de grande valor como se pode ver no Tomo VII das Comunicações da Comissão do Serviço Geológico de Portugal, p. V a XXI de autoria de P. Choffat.

#### NOTAS NECROLÓGICAS SOBRE NERY DELGADO

- 1908 — Joaquim Filippe Nery da Encarnação Delgado, *Correio Elvense*, Ano XIX, n.º 1274.
- 1908 — Um grande sábio português — O General Nery Delgado — *Instrução Portuguesa*, Tomo VI, n.º 137,5, p. 7 fig. Lisboa.
- 1908 — Nery Delgado (Joaquim Filippe) — *Revista de Química Pura e Aplicada*, n.º 45 e 46, p. 231 e 232, 1 retrato, Porto.
- 1908 — O General Joaquim Filippe Nery Delgado — notícia necrológica lida na sessão da Sociedade de Geografia de 9 de Novembro de 1908, por J. C. Berkeley Cotter, 8 p., Lisboa.
- 1908 — Joaquim Filippe Nery da Encarnação Delgado, *Portugália*, vol. II, p. 628, 1 retrato, Porto.
- 1908 — Necrologia — O General de Divisão Joaquim Filippe Nery da Encarnação Delgado, *Revista Militar*, Ano XL, n.º 11, p. 741-743, Lisboa.
- 1908 — Notice necrologique sur J. F. Nery Delgado 1 35-190 par Paul Choffat, Extrait du *Jorn. de Scienc. Math. Phys. e Nat.* 2.ª ser. t. VII, n.º XXVIII, 14, p., 1 estampa, Lisboa.
- 1908 — Joaquim Filippe Nery Delgado. For Memb. Geol. Soc. London *Geological Magazine*, October, n.º 532, p. 480.
- 1908 — O Inspector Geral de Minas, General Nery Delgado — elogio lido na sessão de 10 de Outubro na Associação dos Condutores de Obras Públicas. Luis Couceiro, *Boletim da Assoc. dos Condutores de Ob. Publ.*, vol. XII, p. 124-128.
- 1908 — General Joaquim Filippe Nery Delgado — *Revista de Engenharia Militar* Ano XIII, n.º 12, p. 600-602, por Francisco Luis Pereira de Sousa.
- 1909 — La geologie et l'oeuvre de Nery Delgado-conférence faite le 23 Avril 1909 à la Société Portugaise des Sciences Naturelles par Paul-Choffat *Bulletin de la Société*, vol. II.
- 1909 — Notice nécrologique sur J. F. Nery Delgado (1 35-190 ). *Com. da Comiss. do Serviço Geológico de Portugal*, T. VII, 21 pp. 1 carta, 2 estampas, 5 retratos par Paul Choffat.
- 1920 — A geologia portuguesa e os seus fundadores — *Anais Scientificos da Academia Polytécnica do Porto*, vol. XIV, por A. Pereira Forjaz.

## IV — A CORRESPONDÊNCIA

## 1

Guimarães, 11-3-77

Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Afirmando-me pessoas competentes que as ruínas da Citânia onde tenho feito algumas escavações, eram dignas de ser estudadas e que deste estudo resultaria não pouco proveito para o conhecimento que por motivos que julgo supérfluo explicar me corria a mim a obrigação de promover naquele local e para o mencionado fim a reunião dos nossos principais arqueólogos, entre os quais V. Ex.<sup>a</sup> e justissimamente cotado, tomo a liberdade de convidar V. Ex.<sup>a</sup> para esta reunião que deverá ter lugar no dia 8 do próximo Abril (1).

Se V. Ex.<sup>a</sup> me fizer a honra de aceitar este convite, o que desde já muito agradeço, como devo, O Ex.<sup>mo</sup> Senhor Marquez de Sousa Holstein (2) encarregou-me com a sua bondade habitual a dar a V. Ex.<sup>a</sup> os esclarecimentos que sempre se exigem neste género de excursão.

Sou com toda a consideração

De V. Ex.<sup>a</sup>mt.<sup>o</sup> at.<sup>o</sup> e Obgd.<sup>o</sup>*F. Martins Sarmiento*

Luso, 14 de Março de 1877

Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Cumpre-me agradecer o honríssimo convite que V. Ex.<sup>a</sup> se dignou fazer-me e de que já tinha conhecimento por obséquio do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Vasco Leão (3)

(1) Esta reunião teve lugar mais tarde como adiante se verá.

(2) O Marquez de Sousa e Holstein (D. Francisco de Borja Pedro Maria António de Sousa Holstein) sócio n.º 15 da Antiga Real Associação dos Architectos Civil Portugueses e Archeólogos Portugueses entrou como sócio amador em 12 de Fevereiro de 1864. Foi amigo pessoal de Martins Sarmiento.

(3) Não encontrei quaisquer elementos sobre esta pessoa mas penso ter sido algum amigo de Nery Delgado e que estaria já bem informado sobre o propósito de Martins Sarmiento.

para concorrer à reunião que no próximo mês de Abril vai realizar-se junto às ruínas da antiga Citânia.

E um facto novo entre nós, e por isso digno dos maiores encómios, a dedicação e o entusiasmo com que V. Ex.<sup>a</sup> se tem votado a esclarecer este ponto do vasto problema científico, hoje ocupa tantos espíritos elevados, e que acabará, não podemos duvidá-lo, por ser resolvido.

Pesa-me, porém, profundamente, concorrendo a essa reunião, não poder contribuir, como desejava, para o fim que V. Ex.<sup>a</sup> pretende atingir, porque infelizmente para mim, é muito errado o conceito que V. Ex.<sup>a</sup> forma a meu respeito, quanto à minha competência sobre assuntos arqueológicos.

Entretanto, se pelas ligações estreitas que a antropologia e arqueologia prehistóricas têm com a geologia, neste último campo, em que não sou tão hóspede, puder prestar algum esclarecimento, muito folgaria de poder ao menos assim corresponder à insigne fineza com que V. Ex.<sup>a</sup> me honrou (1).

Sou com a mais respeitosa consideração e estima

Ad.or e Venor e agradecido

JND

Guimarães, 20 de Março de 1877

Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Recebi com a maior satisfação a carta em que V. Ex.<sup>a</sup> me participa que subscreve ao convite para a visita e estudo das ruínas da Citania. Ser-me-ia muito sensível a falta de V. Ex.<sup>a</sup> e a do Sr. Carlos Ribeiro (2) cujos trabalhos

(1) Nery Delgado era, como todos os grandes homens, duma simplicidade tocante. Nesta data em que ele protestava a sua competência sobre assuntos arqueológicos já ele tinha feito as admiráveis escavações na gruta da Furninha e na gruta da Cesareda com grande competência e critério notáveis para a época. Os seus conhecimentos eram já profundos para discernir muito bem a estratigrafia do poço da Furninha onde conseguiu separar os 7 níveis com fauna do Quaternário, e que marcou, por assim dizer, o início dos estudos sobre o Mustierense, em gruta, no território português.

(2) O General Carlos Ribeiro, fundador da Geologia portuguesa, foi, como é sabido, um grande arqueólogo. Descobridor e explorador dos concheiros do Vale do Tejo deu grande impulso aos estudos arqueológicos em Portugal tendo descoberto e explorado também a série de monumentos megalíticos dos arredores de Lisboa.

A sua descoberta dos eólitos da Ota motivou fortes discussões e controvérsias no mundo científico de então.

A lista dos seus trabalhos publicados demonstra a evidência do seu enorme valor quer como geólogo, quer como arqueólogo.

li com vivíssimo interesse. O que me incomoda um pouco é a ideia de que as explorações da Citânia não estejam tão adiantadas como eu desejava nem ofereçam o interesse que é hábito esperar à vista das exagerações de alguns jornais. Obrigaram-me a precipitar esta reunião. O que me consola é que se as pobres ruínas e os seus problemas não são por ora muito dignas de sacrifício dum jornada enfadonha a vinda de V. Ex.<sup>a</sup> virá dar às explorações arqueológicas uma importância considerável e estimula muito antiquário em Lisboa?

Agradecendo a V. Ex.<sup>a</sup> as distintas finezas que me faz sou com a maior consideração.

De V. Ex.<sup>a</sup>

Mt.<sup>o</sup> At.<sup>o</sup> Ven.<sup>do</sup>r e Obrig.<sup>do</sup>

*Francisco Martins Sarmiento*

Guimarães, 2 de Abril de 1877

Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Com este tempo não podia ter lugar a nossa excursão a Citânia. E mais provável que teríamos um dia muito incómodo. Entendeu-se pois que era melhor transferir a reunião para tempo menos ameaçador, devendo eu avisar a V. Ex.<sup>a</sup> com antecipação de 6 ou 7 dias.

Contraria-me não pouco este adiamento, mais vale isto de que ver a festa transformada num semi-desastre. Tenha V. Ex.<sup>a</sup> paciência.

Com toda a estima

De V. Ex.<sup>a</sup>

At.<sup>o</sup> Ven.<sup>do</sup>r e Obrig.<sup>do</sup>

*F. Martins Sarmiento*

Ilus.<sup>to</sup> Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Belas, 6 de Abril de 1877

Recebi um pouco atrasado (porque já há duas semanas regressi do Bussaco <sup>(1)</sup>), a carta que V. Ex.<sup>a</sup> teve a bondade de me dirigir anunciando-me que a excursão à Citânia não podia realizar-se amanhã; a mesma participação que

(1) Por esta data estudava Nery Delgado as séries continentais detríticas do Bussaco, os célebres grès que tanta discussão têm dado e continuam a provocar quanto à idade e posição stratigráfica. É bem certo que algumas pessoas que abordaram esse problema não foram felizes com as suas conclusões mas de qualquer forma o problema parece ainda não estar bem esclarecido do ponto de vista geológico.

havia já feito o Sr. Marquez de Sousa (1) em virtude do telegrama que V. Ex.<sup>a</sup> lhe enviara no Domingo.

Agradeço a V. Ex.<sup>a</sup> esta nova prova de delicadeza participando-lhe que pela minha parte não soffro com a demora o menor transtorno, lamento todavia intimamente o desgosto que V. Ex.<sup>a</sup> por esse motivo sentiu.

Tenho o maior prazer em assinar-me com toda a consideração e estima

De V. Ex.<sup>a</sup>

Ven.<sup>do</sup>r At.<sup>o</sup> e muito agradecido

JND

Meu Ex.<sup>mo</sup> A.<sup>mo</sup>

Briteiros, 25 de Junho de 1877

Um pedido do Sabino (2) obriga-me a incomodá-lo. Quer ele para a sua Academia (pelo menos di-lo) o retrato dos conferencistas da Citania e o resumo dos discursos que eles fizeram na conferência.

Quanto a estes, é um trabalho e de muita responsabilidade dar conta das opiniões dos outros, quando a taquigrafia as não apanhou no ar, ou o leitor num papel. E ainda assim é visto isto, tenha paciência: mande-me uma nota do seu discurso e o seu retrato. Se isto vier em duplicado, ficará um no meu album, e o outro irá até Madrid. Outro favor seria se me alcançasse também um retrato do Possidónio (3) o que me pouparia a santa preguiça de escrever ao pobre velho que deve amaldiçoar a Citânia e quem se lembrou da conferência. Oxalá que não suceda o mesmo aos outros.

De V.

A.<sup>mo</sup> Ven.<sup>do</sup>r Obrig.<sup>do</sup>

F. Martins Sarmento

(1) O mesmo senhor já falado numa nota anterior. Muitas vezes se lhe referiram apenas como Marquez de Sousa por causa, certamente da illustre família dos Souseiros de que descendia este illustre fidalgo.

(2) Penso tratar-se do Doutor Sabino Coelho. A Academia é a das Ciências.

(3) Trata-se do architecto Possidónio da Silva, fundador e primeiro Presidente da Real Associação dos Architectos e Arqueólogos Portuguezes. Possidónio da Silva dedicou-se também aos estudos archeológicos tendo publicado alguns trabalhos de mérito dos quais citamos: «Noções elementares de Archeologia com introdução de I. Vilhena Barbosa», Lisboa 1878. «Sur les haches en bronze trouvées en Portugal», C. R. Cong. Int. d'Anthr. et d'Archéol. Préhist. (IXème session) Lisbonne, 1880 — Paris, 1884. «Os desenhos rupestres de Cachão do Rapa» Bol. Real Assoc. dos Arq. Cívicos e Archeol. Portuguezes, Lisboa, 1888.



Guimarães, 19 de Dezembro de 1877

Meu Ex.<sup>mo</sup> Amigo

Mais vale tarde que nunca. Remeto-lhe hoje uma colecção das principais fotografias da Citânia para memória da nossa formidável ascensão ao Monte de S. Romão.

Já teriam ido mais cedo se não andasse com esperanças de lhe juntar algumas mais esperanças que perdi com este frio; porque neste santo tempo, fora da minha poltrona e do meu capacho, com um livro na mão <sup>(1)</sup>.

Das quem viu a Citânia, as fotografias escusam d'explicações. Da «Pedra da Moura» vai mal <sup>(2)</sup>. Há um único ponto, onde se pode colocar a máquina fotográfica, de sorte que o fotógrafo está num verdadeiro leito de Procusto <sup>(3)</sup> só com a diferença de poder tombar pela encosta abaixo. E um dólmen? No Fergusson que já li, há dolmenes (sic) a meia encosta, e pareceu-me que o erudito inglês deixa a questão cronológica dos megálitos tão escura como a encontrou. «A Pedra da Moura» tem na parte superior da mesa uma pequena gamela quadrilonga, inegavelmente feita por mão humana.

Os círculos concêntricos é que se têm multiplicado ao infinito. Só numa laje encontrei 17; n'outra 1 ou isso <sup>(4)</sup>.

As cabeças de porco e a cabeça de mulher não são da Citânia. Os porcos são de Sabroso <sup>(5)</sup>, a mulher de Santa Iria <sup>(6)</sup>, dois morros distantes 1/4 de légua da Citânia, o primeiro para SO, o segundo para NE. Em ambos, princi-

---

(1) Já se tinha efectuado a primeira visita à Citânia dos arqueólogos conhecidos de Martins Sarmento, entre eles, Nery Delgado e Carlos Ribeiro, dos Serviços Geológicos. Não encontrei, até à data, nos arquivos dos Serviços fotografias que se relacionem com esta visita.

(2) A Pedra da Moura ou Penedo da Moura não está bem averiguado que seja um dólmen.

(3) Nesta época, e em especial Martins Sarmento e os outros humanistas, tinham grande apreço pelas figuras ou alusões mitológicas.

(4) Estes e outros círculos concêntricos descobertos por Martins Sarmento foram mais tarde estudados por Ruy de Serpa Pinto no seu esplêndido estudo sobre os «Petroglifos de Sabroso».

(5) Os «berrões» de Sabroso fazem, com os outros do Noroeste peninsular, parte das esculturas da época dos Castros (Cultura Castreja).

(6) Esta cabeça de mulher talhada toscamente em granito está hoje no Museu de Martins Sarmento e foi publicada por Mario Cardozo na correspondência Epistolar entre Hübner e Sarmento a p. 1 (Vide catálogo do Museu, Parte I p. 141). Vidé também a nota 6 da p. 1 do trabalho de Mario Cardozo sobre a correspondência entre Hübner e Sarmento.

palmente em Sabroso, há romarias. Este ano mandei fazer algumas escavações nesta última localidade que me parece tanto ou mais curiosa que a Citânia (1). Aqui as muralhas, em vez de serem isoladas, são como um muro de suporte ao planalto, onde ficava o principal da povoação, em taludes. A altura era de 5,10, a parte conservada de 3,34. Não aparece vestígio de telha, nem de vidro, nem de louça vermelha, nem de ânforas, e coisa notável, quase toda a ornamentação da cerâmica é diferente da da Citânia (2).

Tudo induz a crer que esta ruína é mais velha que a sua vizinha. Aparece muito osso, infelizmente em fragmentos inclassificáveis alguns objectos de bronze entre eles uma bracelete de tipo céltico. Ao pé da muralha encontrei a profundidade do ... de 2 metros um pequeno machado de pedra polida; não tem mais de 3 polegadas de comprimento. E de pedra esverdeada (3). Já por vezes tinha embirrado com esta espécie de pedra que aparece frequentemente longe de Sabroso, nos leitos das enxurradas, mas em pequenos fragmentos. Basta de maçada. Agora um pedido. Desejava um amigo meu saber qual o trabalho moderno de geologia que possa substituir o Lyell, e sobre a injeção das madeiras. Com a maior estima. A.<sup>mo</sup> M.t.<sup>o</sup>. Obrig.<sup>do</sup>

*F. Martins Sarmento*

Belas, 6 de Janeiro de 1878

Exm.<sup>o</sup> Amigo Sr. Sarmento

Não se enganava V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> julgando que não tinha recebido nenhuma fotografia da «Pedra da Moura» e bem pouco avisado andei querendo pela força aplicar a qualquer dos outros penedos representados os esclarecimentos que tão benevolamente se cançava a dar-me. Queira desculpar-me tudo quanto disse, no que não iriam por certo numerosas heresias do que as que estou

(1) O Castro de Sabroso não sofreu, ao que parece, a romanização. Vidé o trabalho de Mario Cardozo, «Citânia e Sabroso».

(2) Encontrou-se aqui, pela primeira vez, a verdadeira cerâmica de tipo castrejo pré-romana, isto é, da Idade do Ferro do Noroeste peninsular. Martins Sarmento com o seu saber e o sua magnífica intuição verificou logo que deveria tratar-se de uma ruína mais idosa que a Citânia. De facto assim é.

(3) Normalmente, com raras excepções, os instrumentos polidos encontrados no nosso País são de anfibólito ou de xisto anfibólico e apresentam quase sempre a cor verde por causa, justamente, da anfíbola. Temos em preparação um trabalho com as análises espectrográficas e algumas análises químicas sobre os materiais de que são feitos os instrumentos de pedra polida encontrados nas nossas estações pré-históricas neo-eneolíticas com representação no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal.

disposto a julgar talvez cometidas aos pobres habitantes da sua citânia e que as suas almas também d'elas me perdõem.

Examinando agora o desenho que acompanhava a sua última carta e que está, como não podia deixar de suceder, em perfeita harmonia com a descrição dada anteriormente, vacilo um pouco sobre as ideias que tinha, e como V. Ex.<sup>a</sup> não julgo impossível que a tal «Pedra da Moura» seja se não um dólmen, um monumento megalítico, qualquer que tivesse um outro destino que não funerário pois me parece que nada se descobriu dentro da forma que levava a atribuir-lhe tal significação. Estou muito alheado destes assuntos e o pouco que noutros tempos li, creia o meu prezado amigo, já quase tudo me tem fugido. Para muito pouco servirá pois a V. Ex.<sup>a</sup> o meu regresso à citânia; eu é que vivamente desejo aí voltar para colher a lição, que o exame detido de tão precioso exemplar demais ilustrado pelos..... trabalhos de tão consciencioso explorador forçosamente há que prestar ainda aos mais leigos.

Todavia não é também impossível, à vista do desenho, que a mesa e os suportes representam peças *in situ*, embora a gruta fosse escavada artificialmente. Neste caso deveríamos retirar o nome de dólmen ao monumento, porque o sistema de construção de todos os monumentos daquele género deveria naturalmente ser o mesmo em toda a parte pelo menos nos estreitos limites do nosso País e a julgar, pelo que tenho visto a raça dolménica era bastante possante, e até parece que fazia gala em ostentar esse dote físico porque nunca vi que os dólmenes fossem construídos com pedras arrancadas no próprio lugar, onde eles se encontram (1).

Muito me obsequiará V. Ex.<sup>a</sup> continuando a escutar-me, com generosa estima e perfeita consideração.

De V. Ex.<sup>a</sup>

Amigo mt.º respeitador e agradecido

JND

Meu Exm.º Amigo

Tenha paciência. Mais «Pedra da Moura». À vista da sua carta começo a desconfiar de que a fotografia do discutido dólmen escapou da colecção por

(1) Nunca vi esta «Pedra da Moura» mas parece-me que poderia ter sido um aproveitamento tal qual sucedeu no monumento que explorámos há anos em Colares na Quinta da Bela Vista. Na construção foram empregados os aglomerados caóticos de blocos de rocha eruptiva. De resto na Serra de Sintra existem mesmo abrigos que serviram de necrópole ou de «habitat». Na Penha Verde voltamos a encontrar o mesmo. Na Beira Litoral, na região da Cerqueira também os vimos. Não me parece ilógico, portanto que a «Pedra da Moura», como outros aglomerados do maciço granítico do Minho, tenham servido ao mesmo fim.

artes mas felizmente ainda tenho um exemplar que lhe remeto hoje. Peço-lhe que o examine com atenção e tenha presente as medidas que lhe mandei na minha última carta, e para fins que nas horas vagas me diga alguma coisa a tal respeito. Das duas fotografias de que me falta uma — a dos círculos concêntricos — é a tal pedra que encontrei faceando com o pavimento d'uma casa circular, com a..... os antípodas — a outra figura uma gamela aberta n'uma rocha massiça; a fenda a que alude é natural. Nesta fotografia a única coisa natural é a gamela, como na outra pedra os círculos. A gamela da mesa da «Pedra da Moura» não foi fotografada. Está na fase superior e é grãficamente escavada.

Deus o traga por estes sítios com vagar e pachorra.

Com toda a estima

De V. Ex.<sup>a</sup>

V.<sup>do</sup> At.<sup>o</sup> e Obrig.<sup>o</sup>

*Martins Sarmento*

P. S. — Por mais que procurasse o tal exemplar da «Pedra da Moura» não o encontrei. Logo que possa tiro uma prova e remeto-lha. Mas parece-me impossível que lhe não mandasse a fotografia. Não a mandava eu a mais ninguém. Não terá na sua colecção cousa que faça lembrar o seguinte escândalo (sic) figurado.

Belas, 9 de Janeiro, 1878.

Meu Ex.<sup>mo</sup> Amigo Sr. Dr. Sarmento

Agradeço mui cordialmente a colecção de excelentes fotografias da Citânia, que me deu a honra e o particularíssimo favor de ofertar, e só lamento (se é permitida uma queixa depois de tanta liberalidade, como V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> tem usado para comigo) que à parte delas e como primeira evocação do facto que elas memoram, eu não encontrasse o retrato do dador, ao qual no meu pobre album gostosamente concederia o distinto lugar que lhe pertence (1).

Um colega meu na secção geológica, e meu particular amigo o Sr. Frederico de Vasconcellos (2), que tem feito algumas explorações numa propriedade

(1) É pena mas nunca encontrei qualquer fotografia na colecção dos Arquivos dos Serviços ou na colecção Delgado. Ter-se-ão extraviado? Apenas conheço no arquivo um desenho da Pedra Formosa e uma planta da Citânia.

(2) Frederico A. de Vasconcellos Pereira Cabral foi um geólogo distinto que se dedicou a estudos sobre o Quaternário tendo publicado também alguns trabalhos de mérito entre eles destacamos: «Estudo dos depósitos superficiais da Bacia do Douro», 77, p. 3 est. Lisboa, 1881.

sua na freguesia de Cesar (Oliveira de Azeméis) a quem mostrei as fotografias, achou principalmente interessantes as mós ou atafonas, que pareceram muito semelhantes às que ele coligiu naquela localidade e junto a umas ruínas no concelho de Paiva. A este respeito julgo nada poder fazer melhor do que enviar a V. Ex.<sup>a</sup> a nota escrita que pedi ao meu colega sobre o achado e que ele benèvolmente me confiou.

Quanto à «Pedra da Moura» com a qual pela primeira vez agora faço conhecimento, quanto posso julgar pelas fotografias que bem a representam em duas visitas opostas não descubro nelas sequer o mais remotamente a construção do dolmen que tenha visto descritos, ou que tenho examinado na Beira, no Alentejo e nas visinhanças de Lisboa (1).

Como o seu nome indica parece-me antes uma massa globular de granito talvez desprendida do solo, mas *in situ* em cuja superfície insculpiram (como em todas outras partes) os círculos, e abriram a gamela que encobre algum esconderijo, serviria para aí se aninharem as crendices costumadas, mas de modo algum para guardar as cinzas de nenhum personagem daqueles retomotos tempos. Dólmen sem mesa formada por uma laje mais plana (ou ao menos por uma pedra de forma achatada em que uma das dimensões seja muito menor que as outras duas) e uns pilares que a suportem, não o compreendo. Já não faço questão da situação que é muito (pois que os dólmenes que eu conheço estão todos em sítios notáveis, podendo avistar-se em redor e a distância, e sendo todos facilmente acessíveis) mas de forma que em cousa alguma se assemelhe à dos desenhos ou dos monumentos deste género de que tenho notícias; e não parece plausível supor que sòmente na citânia o tipo geral destas construções fosse tão profundamente modificado ou para melhor dizer desmentido.

Sinceramente louvo e admiro a V. Ex.<sup>a</sup> pelas novas explorações que está fazendo em Sabroso, e felicito-o pelos bons resultados obtidos. É na verdade interessante a descoberta do machado de pedra polida e dos ossos e não menos, as observações a que V. Ex.<sup>a</sup> tão judiciosamente faz, que a cerâmica seja toda diferente da achada na citânia. Havia também aí casas circulares como as do Monte de S. Romão e apresentam-se no mesmo estado de ruína? Em meu humilde entender o estudo comparativo das duas localidades deve oferecer valiosíssimos dados para a interpretação do problema que a citânia encerra. Alar-

---

(1) Nesta data já Nery Delgado tinha grande experiência de arqueologia em especial de monumentos megalíticos da Beira e do Alentejo. Conhecia, já se vê, os monumentos megalíticos dos arredores de Lisboa em Belas e Caneças então em exploração por Carlos Ribeiro.

gada a área das observações V. Ex.<sup>a</sup> obtem naturalmente a explicação de muitos enigmas que lhe parecerão agora porventura indecifráveis <sup>(1)</sup>.

Quanto à pergunta que V. Ex.<sup>a</sup> me faz apresento em seguida a nota de alguns compêndios modernos de geologia de que tenho melhor ou firme conhecimento, e que me parece poderão satisfazer a todas as exigências.

Como elementar, destinada todavia aos que desejam prosseguir no estudo da geologia tenho: David Pags-Advanced Text-Book of Geology. Há outra obra do mesmo autor destinada aos principiantes e que se intitula: Introductory Text-Book of Geology. Um compêndio de geologia muito moderno destinado ao ensino secundário e admiravelmente escrito, cuja aquisição eu não hesitava em aconselhar é: J. Goslit — Cours élémentaire de geologie, 1876. Enfim como obra mais completa e também muito moderna Ch. Coutejean — Elements de géologie et de paléontologie, 1874. São estas obras que não estariam deslocadas na sua bela livraria, se lhe não bastam fàcilmente poderei indicar outras logo que V. Ex.<sup>a</sup> me ordene <sup>(2)</sup>.

Sobre injeção de madeiras, recorrendo a autoridade que eu julgo mais competente, o meu colega e amigo R. Rego director dos Telégrafos, soube que o processo geralmente adoptado e considerado o melhor era o do Dr. Boucherie que vem descrito num folheto em oitavo sob o título «Conservation des bois par les procédé du Dr. Boucherie», Paris, 24 p., 1857.

Desculpe não ter respondido mais prontamente à sua obsequiosa carta, mas a maior parte do tempo passo-o aqui em Belas onde, bem como em Lisboa não me faltam afazeres que me tomam o tempo e captam a atenção.

Confiando na sua extrema indulgência, subscrevo-me com o maior prazer.

De V. Ex.<sup>a</sup>

Ven.dor e Amigo

muito respeitador e agradecido

JND

(<sup>1</sup>) Vê-se a noção perfeita que Nery Delgado tinha do verdadeiro arqueólogo já nessa época, bem como o estabelecimento da comparação etnológica na observação fidedigna de um homem como Martins Sarmiento.

(<sup>2</sup>) Por esta carta se pode ver que a ânsia de saber e se documentar por parte de Martins Sarmiento era bem patente. Os conhecimentos vários de geologia e petrologia são basilares num arqueólogo em especial no pré-historiador. Martins Sarmiento sendo um humanista profundo sabia, todavia, da importância daqueles conhecimentos.

Guimarães, 12 de Janeiro de 1878

Meu Ex.<sup>mo</sup> Am.<sup>o</sup>

Pela sua carta fiquei sabendo que não chegou ao seu destino o retrato que lhe mandei o para mim lisongeiro desejo de o possuir!!! Há que tempos isto vai! Os pontos de admiração que ponho aqui são mais um hábito ortográfico que outra coisa; pois de há meses para cá o correio trata-me iníqua e insolentemente. Entre outras coisas empalmaram-me o n.º da Academia que trazia a reprodução de algumas fotografias da Citânia que remeti ao Sabino. E a propósito do Sabino? e do pedido que ele me fez dos retratos dos conferentes citanienses tive de desculpar-me com ele, porque apenas obtive... a do meu amigo e mais três. Ai vai outro retrato meu. Oxalá que este não fique no meio do caminho o que muito sentirei, por V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> ainda pensar que não dei a uma lembrança que me honra toda a consideração que devo.

Estas mós que descreve o meu amigo são as da Citânia, de Sabroso e, segundo tenho lido, as de toda a parte, onde há velharias. Que em algumas partes servissem para moer minério é mais que possível. Para cereais afirmam-me que ainda hoje são usadas na Ilha de S. Miguel.

Pela sua carta vejo que as fotografias deveriam ser acompanhadas de mais explicações. A «Pedra da Moura» não é representada em duas vistas opostas, mas não vi uma de frente. O ponto de vista é mau mas é o único e mesmo com perigo de o fotógrafo perder o pé e resvalar pela ladeira abaixo. A mesa — deixe-me chamar-lhe assim na certeza de que não tem que tratemos de um dólmen — tem de largo 4,60 m, de comprido 3,50 m; de grosso 1,24 m.

Pela face inferior é perfeitamente plana, mas há concavidades naturais de mais de 1 m. de fundo. A face superior é tosca, se bem que plana e quasi ao meio é que está a pequena gamela. Os suportes da frente são dois penedos *in situ*, mas um deles quebrado para fazer a furna. Por traz assenta em 4 suportes muito grosseiros. Largura da furna 2 m., comprimento 1,70 m. O que mais faz desconfiar que a coisa não seja *modus natura* é que a mesa está perfeitamente nivelada. Sinto bem que não visse o original. O porte das casas de Sabroso são circulares, mas talvez mais curiosas que os da Citânia. Algumas delas tem uma segunda parede que apenas encosta à principal e não sei para que servia, que por certo a não reforça. Esta parede exterior em círculo como a anterior, é faceada pelo lado de fora; encosta à de dentro à bruta, e parece que não se elevava a mais que alguns palmos; figura como uma repiza (sic). O aparelho da folha interior das paredes é muito mais meudo que o das casas da Citânia. No centro do pavimento das casas circulares aparecem também

pedras mais variadas que na Citânia. Aqui são sempre pedras quadradas ou quadrilongas, mas sempre planas; acolá uma pedra é um lavadouro; outra com um buraco ao centro, talvez para embutir nele uma como coluna de madeira que sustentava o tecto; outra é uma pedra cilíndrica de metros que, pelo polido, lembra o pé dum moinho. As casas não estão menos arrumadas que as da Citânia. Creio porém que os vândalos principais destas ruínas foram os vizinhos, porque encontram pouca pedra e o acesso ao monte por um dos lados é fácil (¹).

Mando-lhe a fotografia do machado de pedra. Vai no tamanho natural. Agradeço muito os seus apontamentos e, ponto por ponto, à massada.

De V. Ex.<sup>a</sup>

Amg.<sup>o</sup> Ven.dor Ogrig.

*F. Martins Sarmento*

Lisboa, 21 de Jan.<sup>o</sup> 1878

Meu. Exm.<sup>o</sup> e prezado Amigo Sr. Sarmento

Recebi em Belas a sua obsequiosa carta de 12, acompanhando o retrato que me fez a honra e distinta fineza de ofertar e que mais cordialmente agradeço. Não lhe respondi logo, como devia, porque desejava antes ver as fotografias da Pedra da Moura quando na verdade V. Ex.<sup>a</sup> tinha tirado só uma e além disso com dificuldade e até risco. O engano proveio de que no vosso cartão estão coladas duas vistas, uma dum penedo com uma cota profunda a

---

(¹) Considero esta carta das mais interessantes da colecção pois parece-me estarem aqui as primeiras observações escritas por Martins Sarmento após os primeiros trabalhos de escavação em Sabroso. O pormenor de explicações dados nesta carta a Nery Delgado vem demonstrar o cuidado e a observação científica que o grande Martins Sarmento punha nos seus trabalhos de arqueologia.

Note-se, que Martins Sarmento, trabalhava isolado sem companheiro com quem trocar impressões como numa carta, para Carlos Ribeiro, que possuímos, ele se queixa. De qualquer modo parece-nos cada vez mais importante o estudo destes documentos escritos ao sabor da pena e numa certa intimidade, pois eles põem a nu o verdadeiro espírito do investigador durante os seus penosos trabalhos de tentar desvendar o passado. É sempre maravilhoso descobrir, a pouco e pouco, o que o tempo tapou e escondeu durante largos anos!

Sobre a referência de Martins Sarmento sobre as pedras com largos buracos no centro, vidé Mario Cardozo, op.... cit.... nota 2 p. 49.



meio, e que deve representar a suposta mesa do dólmen; e a outra dum penedo um tanto semelhante àquele e com dois círculos concêntricos que sopus traçados sobre a face oculta do primeiro. Sem ousar pedir absolvição, é talvez desculpável o engano pois que o penedo que tem os círculos é cortado do lado direito por uma face plana que poderia plausivelmente corresponder a uma fenda designada por uma ..... cintura no lado oposto da primeira fotografia.

As explicações que V. Ex.<sup>a</sup> se digna dar-me a este respeito ainda mais vieram confirmar a minha suposição, isto é, que não representa um dólmen a chamada Pedra da Moura. A face plana que ..... limitou o chapéu ou mesa podia bem ser devido a uma fenda da ..... rocha, fendas que são tão comuns no granito e lhe dá a estrutura prismática antes que a acção dos agentes exteriores, gastando primeiro as arestas e os ângulos sólidos dos prismas antes do que as faces lhe dêem a estrutura pseudo-globular.

Que significação poderia ter a gamela não é fácil dizê-lo. Seria uma ara para sacrificios? ou um patíbulo para execução pública? dos prisioneiros de guerra quiçá?

A cavidade que mostra inferiormente a laje e que na opinião de V. Ex.<sup>a</sup> podia muito plausivelmente provir da extracção duma parte da rocha deixando os dois pilares da rocha firmes (parece ser o contrário dos ..... construções actuais e das próprias minas) seria intencionalmente não ..... para dar ao monumento a forma adequada ao mister que era destinado a desempenhar como representava um simples abrigo que foi utilizado como tal? Se vamos ..... no campo das conjecturas me avultaria a ideia que a situação na encosta seria a mais apropriada para um patíbulo pois que a possibilidade de serem ..... as execuções para maior número de pessoas que se fosse situado no alto do cerro que aliás não era provável que estivesse; seria aí segundo penso o centro da povoação e estando as casas afastadas umas das outras.

O machado de pedra na forma é como os outros que tenho visto das imediações de Lisboa e do Alentejo, e a rocha de que é fabricado provavelmente a que também aqui é a mais comum, uma espécie de anfibólito ou de xisto anfibólico ..... que o fabrico de tais instrumentos é muito tenaz, pouco frágil, muito mais fácil de gastar do que as quartzites que também posto que muito mais raramente foi empregada no mesmo mister.

Agradeço igualmente os esclarecimentos que V. Ex.<sup>a</sup> me dá a respeito das construções de Sabroso que são aliás interessantes. Mais ano menos ano, se Deus me conceder vida, e saúde, os meus trabalhos me levarão outra vez ao Minho e avizinhandome de Guimarães eu iria apresentar a V. Ex.<sup>a</sup> os meus respeitos e por ventura por descanso das minhas fadigas e como simples amator tornaria a visitar a Citania e Sabroso.

Entretanto V. Ex.<sup>a</sup> ao receber a minha carta no que puder servir-lhe o que tem o maior prazer em subscrever-se admirador ..... e muito obrigado de

V. Ex.<sup>a</sup>  
Am.<sup>o</sup> Ven.<sup>or</sup> e Obrig.<sup>o</sup>  
JND

Guimarães  
16.4.79

Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Apareceu-me hoje aqui o Sr. António Monteiro com a carta de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>. Tratava em lhe ver o modo porque havia de salvá-lo dos incómodos que ele tinha de sofrer em Briteiros, não estando eu lá (pois que só para lá vou nos princípios de Maio, como disse a V. Ex.<sup>a</sup>) quando ele me disse que tinha de ir levantar outras plantas a Montalegre, e que lhe era indiferente começar por Montalegre ou pela Citânia acrescentando que os trabalhos em Montalegre lhe tomariam talvez um mês. Disse-lhe, que nesse caso, por ele e por mim me convinha muitíssimo que deixasse a Citânia para o segundo lugar. Creio que não o contrario visto os planos de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> o que bem me pesaria. A volta do Sr. Monteiro de Montalegre já eu estou em Briteiros e não só ele lucra em não passar por incómodos que eram inevitáveis, mas lucro eu, porque desejava muito estar com ele, quando executasse uma grande parte dos seus trabalhos. Havendo nesta alteração qualquer inconveniente tenha V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> a bondade de o dizer com franqueza que tudo se arranjava. Bastam duas palavras pelo telégrafo (<sup>1</sup>).

Sem tempo para mais  
De V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>  
M. At.<sup>o</sup> Ven.<sup>or</sup> e Obrig.<sup>o</sup>  
F. Martins Sarmento

Briteiros  
5.7.79

Meu Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Vou pedir-lhe um favor, talvez muito embirrento. Eis o caso: Quando aqui estive o António Monteiro e companheiros, andavam todos na Citânia e um dos meus hóspedes por nome Francisco não sei de quê, abaixou-se e deu-me

(<sup>1</sup>) Nery Delgado trabalhava com topógrafos que eram na maior parte militares. Creio que este Monteiro foi quem fez a planta da Citânia de Briteiros que existe nos Serviços Geológicos.

parte do encontro duma moeda. Não sei bem porquê desconfiei do achado. A chuva põe a descoberto esta moeda como tem posto outras, mas isto sucede quase sempre onde há terra mole, que se desfaz em lodo. No sítio do achado não se davam estas condições; era uma espécie de lamiço duro, onde a moeda difficilmente poderia esconder-se.

Mandei a moeda ao Aragão <sup>(1)</sup> para ele ma decifrar e aparece-me uma moeda de Constantino <sup>(2)</sup>. Já este ano achei mais umas 7 mas nenhuma das passa de Adriano. O grande Imperador vem meter-se muito bruscamente na Citânia, e eu não duvido recebê-lo como puder: mas o que eu não queria de modo algum era receber um Imperador Constantino de contrabando. Eu não tenho razões para supor que o Sr. Francisco se divertisse comigo, porém também não tenho razões para acreditar o contrário. Ele os companheiros em Montalegre encontraram algumas moedas. Alguma moeda de Montalegre viria servir de brincadeira na Citânia? A provar este ponto com o favor que eu pedia. O segredo de três diabo o fez e pelo Monteiro ou pelo Escobar poderia talvez averiguar-se a causa. V. Ex.<sup>a</sup> reconhece decerto a importância que ligo a este facto. As moedas são o fio cronológico talvez único que temos para atinar com o tempo que duraram os nossos citanienses. Se uma falsificação qualquer vinha agora deturpar estes dados, seria para dar ao demo este officio de escavador.

Desculpe-me V. Ex.<sup>a</sup> se me atrevo a pedir-lhe um favor, que talvez repugne ao seu carácter mas *il faut* <sup>(3)</sup>.

At.º Ven.º e Obrig.º

De V. Ex.<sup>a</sup>

*F. Martins Sarmiento*

---

<sup>(1)</sup> Teixeira de Aragão foi médico e o primeiro grande numismata português. Foi encarregado de estudar a colecção de numismática de Sua Majestade El-Rei D. Luis. Os resultados desses trabalhos acham-se publicados. As moedas portuguezas em 3 volumes são hoje raridade bibliográfica e de bom valor em preço. As moedas romanas num único volume constituem também raridade. Pena foi que o volume das moedas romanas não fosse acompanhado de estampas dos numismas tal qual succedeu para as moedas portuguezas onde Teixeira de Aragão reproduziu óptimos desenhos. Teixeira de Aragão foi ainda dono duma rica colecção de objectos lusitano-romanos. Pertenceu à sua colecção a célebre pátera de prata de Balsa que infelizmente levou descaminho, como tantas antiguidades nacionais. É por isso que sou absolutamente contrário a colecções particulares de objectos arqueológicos.

<sup>(2)</sup> Creio que esta moeda de Constantino que tanto fez desconfiar Martins Sarmiento é a mesma que Mario Cardozo reproduz em anverso e reverso no seu volume sobre a correspondência epistolar entre Hübner e Sarmiento (vem na p. 42, fig. 31 e nota 17).

<sup>(3)</sup> Pode ver-se aqui o escrúpulo científico de Martins Sarmiento.

Lisboa, 10 Julho de 1879

Meu Ex.<sup>mo</sup> Amigo

Dispunha-me a escrever-lhe hoje para não retardar mais a resposta à carta que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> me fez o favor de escrever mas sem isso, numa local que por acaso vi no Diário de Notícias me obrigasse a fazê-lo para lhe testemunhar o meu sentimento se ela é verdadeira. Como estamos acostumados a ler todos os dias notificações nos jornais quero alimentar a esperança de que virá uma relativamente ao incêndio do atelier fotográfico de Briteiros, perda de que não só V. Ex.<sup>a</sup> terá a lamentar-se mas nós todos, porque por ventura guardaria aí V. Ex.<sup>a</sup> alguns clichés preciosos que já não poderia reproduzir; ou pelo menos estimaria saber que os estragos não fossem tão grandes como pode depreender-se da notícia.

Quanto à moeda julgo que os receios de V. Ex.<sup>a</sup> são felizmente infundados. O rapaz não podia ter o menor empenho em iludir a V. Ex.<sup>a</sup> nem saber para que isso serviria, e na dependência em que está de nós, e sobretudo sendo militar, não se atreveria a fazê-lo. Do Escobar já eu não diria outro tanto com a mesma segurança. Entretanto guiando-me pelo saber numismático de V. Ex.<sup>a</sup> comecei por interrogar este último que bem como o Monteiro está ausente e a resposta que obtive foi no castro de Medeiros julgo que nas vizinhanças de Montalegre acharam uma única moeda que o Monteiro guarda e ninguém mais a tornou a ver. Não é provável que este a perdesse no passeio pela Citânia, e o Francisco a apanhasse para a ofertar a V. Ex.<sup>a</sup> sem que ele a reconhecesse. Entretanto não me descuidaria de interrogar também o Monteiro e o próprio Francisco e no caso que as respostas deles acrescentem algum novo conhecimento não me descuidarei de informar a V. Ex.<sup>a</sup>

JND

Briteiros  
13.7.79Meu Ex.<sup>mo</sup> Amigo

A resposta de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> que muito agradeço, satisfaz muito bem. Se o homem era incapaz da mairolada, que eu hesitava em atribuir-lhe está muito bem. Bem por dois lados — tanto porque a moeda fica a ser um legítimo achado na Citânia e um dado cronológico, como porque sem contrariar ..... deixe-me ser franco a a ser empulhado por qualquer maganão, sem poder apertar-lhe metade de uma orelha. A moeda que veio de Montalegre vi-a eu e nada tinha de comum com a outra. Esta lebre fica pois corrida salvo se V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> puder averiguar o contrário. Neste último caso muito me obsequieia em participar-mo.

Os jornalecos de Guimarães puseram a correr uma notícia mais que exagerada relativamente ao incêndio «que devorou completamente o meu atelier». Limitou-se tudo a ficar sem uma única câmara escura que substituí no dia seguinte por outra e V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> pondo a notícia de quarentena fez o que eu quase sempre faço com notícias dos jornais.

Agradeço cordialmente o incómodo que lhe dei e sou com a maior estima,

De V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>

At.<sup>o</sup> Ven.<sup>do</sup> e Obrig.<sup>do</sup>

F. Martins Sarmiento

Sem data

Meu prezadíssimo Amigo

Com o maior prazer recebi ..... de V. Ex.<sup>a</sup> a 13, em que me dá a agradável notícia de que o incêndio ..... atelier fotográfico foi insignificante pelo que muito contente o felicito.

Não tenho nenhuma notícia a dar-lhe no interesse a ..... das moedas que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> com tanto motivo quer tanto. Pelo contrário venho apenas dizer-lhe a informação que obtive do António Monteiro (que está actualmente em Aljustrel) ainda mais ..... opinião em que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> está. O António declarou com inteira certeza que a moeda entregue pelo Francisco foi efectivamente descoberta na Citânia no momento em que ele a entregou e ainda mais que conservou em seu poder a de Montalegre, que por esquecimento não deu logo ao Sr. Carlos Ribeiro. Saiba mais V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> que esta declaração do António Monteiro foi feita na presença doutro seu amigo o que ainda mais força lhe dá.

Pode portanto estar V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> tranquilo acerca do achado como se fosse feito pelas suas próprias mãos; e muito estimo que assim acontecesse porque seria também para nós não pequeno dissabor que um saloio qualquer, e mais recomendado por nós, não ter dado a V. Ex.<sup>a</sup> com o respeito e a consideração que tenho a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> e que muito lhe consagramos.

Peço a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> disponha sempre de ..... que tem o maior prazer em se subscrever

De V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>

Muito At.<sup>o</sup> Obrig.<sup>o</sup>

JND

P. S. — Para evitar extravio de cartas venho lembrar a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> que o meu humilde tugúrio é na Rua de S. Roque 20-3.<sup>o</sup> pedindo a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> que a correspondência me seja dirigida para a Secção Geológica, Rua do Arco a Jesus, 113.

Sem data

Meu Prezado Amigo:

Sem dúvida nenhuma a fotografia é outra coisa: basta dar garantias de completa facilidade. Se quer o cliché eu mando-lho; e não lho mando já por ignorar se o fotógrafo faria sem ele obra que se veja. Se assim for muito o estimava e aqui está porquê — um mau fado tem perseguido os clichés que tirei na Pedra Formosa (1). Assim devia ser visto que ela hoje está como emparedada e talvez não possa ser fotografada sem demolir parte da casinhola em que se acha. Para me apressar os desastres tem caído sucessivamente sobre todos os clichés que tinha, e o último que me resta escapou quase por milagre. A placa quebrou em duas partes por fortuna só no céu, como dizem os técnicos. Quando tiro prova ando com este desgraçado láparo como ovos em peneira. Se o ..... na viagem para Lisboa, resistirá ele aos vai e vens da ida e volta. Apesar de todos os ..... se ele for necessário, avise-me que enviamos a placa em forma: se ela morrer paciência; sempre há-de encontrar-se meio de fazer *posar* o grande calhau com mais ou menos trabalho.

Não se aflija com a demora da impressão do relatório. Eu affligia-me enquanto não sabia quem fiscalizava esse trabalho. Agora fico sabendo que a presunção é questão de tempo.

Mande-me que muito estimo ocupar-me ao seu serviço.

Com a máxima estima

De V. Ex.<sup>a</sup>

F. Martins Sarmiento

---

(1) Hoje são conhecidas mais pedras com o formato da chamada «Pedra Formosa». Até à magnífica descoberta do Coronel Mário Cardozo na Citânia, onde encontrou o monumento funerário com uma «Pedra Formosa» *in situ*, muitas considerações e hipóteses se teceram sobre este tipo de pedras de sepultura.

A bibliografia sobre as «Pedras Formosas» é muito abundante; destacamos de entre ela os trabalhos do investigador vimaranense Coronel Mário Cardozo cujos principais estudos foram citados por nós ultimamente numa nota sobre uma pequena pedra do tipo «Pedra Formosa» encontrada no Castro de Fontalva (Elvas). Vidé *Revista de Guimarães*, vol. LXXVI, Guimarães, 1966.

29/3/84

*Meu caro Amigo:*

Estou 15 dias doente; depois diverti-me a fazer anos; depois não sei que mais. Resumo: que não tenho respondido às suas cartas.

Verdade é que elas não exigiam resposta urgente. Se não tinha largado barcos e tudo. Recebi as provas e pelo que vejo seria ainda menos exigente que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>. Se o cliché lhe não servir depois para mais nada aceito com as mãos ambas o seu oferecimento.

De V. Ex.<sup>a</sup>At.<sup>o</sup> Ven.<sup>do</sup>r e Obrig.<sup>do</sup>

F. Martins Sarmento

Guimarães

2/4/84

*Meu Querido Amigo:*

Parecem-me excelentes as reproduções das fotografias que me mandou. Na figura 2 haveria apenas o defeito de fazer persuadir ao observador que vãos entre os 3 braços recuados da Suastika (parece com Schliman creio que o é) não são vazadas, como o não são os vãos da Suastika de 4 braços da figura 3.<sup>a</sup>. Como não se trata de fazer valer esta particularidade, o defeito não se torna sensível. De resto a coisa é curiosa porque para mais é de pé que a pedra assim vazada era uma espécie de postigo por onde entrava a luz — como espécie de rosácea das nossas igrejas — mas em ponto pequeno.

Há não menos 3 do mesmo género na Citânia, mas em pedaços e com tais lacunas que não permitiam uma reconstrução. Esta veio explicar o enigma que os outros fragmentos não faziam mais que formular vagamente <sup>(1)</sup>.

Dê-me as suas ordens e creio sempre na profunda estima de

De V. Ex.<sup>a</sup>At.<sup>o</sup> Ven.<sup>do</sup>r e Obrig.<sup>do</sup>

F. Martins Sarmento

<sup>(1)</sup> Martins Sarmento refere-se nesta carta às fotografias que foram publicadas na p. 1 II no final do volume do *Compte Rendu* de la neuvième session à Lisbonne 1880 do *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie pré-historiques* e que saiu a lume em Lisboa em 1884.

Vizela  
5/7/84

Meu prezado Amigo:

Recebi a sua carta e a caixa com os clichés. Muito obrigado.

Então lá vai até Berlim? Que seja bem feliz na sua viagem e que vá bem encorajado contra a cólera e outras lutas tesas do mesmo País <sup>(1)</sup>.

Se destes sítios quiser alguma coisa não tem mais que usar.

De V. Ex.<sup>a</sup>  
At.º Ven.<sup>do</sup> e Obrig.<sup>do</sup>  
F. Martins Sarmiento

Guimarães  
4/2/85

Meu caro Amigo:

As gazetas que por aqui chegam falam sempre de coisas muito interessantes publicações de romances a ..... de livros de versos sempre óptimos XX. Nunca vi nada acerca do objecto que o levou a Berlim e até não sabia que tinha voltado. As minhas boas vindas e os meus sinceros parabéns porque o haviam de lá considerar como merece. Isto por causa do volume sobre o congresso que me parece excelente. É preciso pensar nestas coisas para não morrer de náuseas vendo como é chato tudo o que nos cerca.

Recebi e muito agradeço os exemplares dos Lusitanos que me remeteu. Em nada posso estranhar porque não sabia que a separata tinha sido geral <sup>(2)</sup>.

Andamos aqui às voltas com um esqueleto do Museu Archeologico, a ver se o gosto pega a se facilitar a descoberta de velharias que não faltam por aí.

Dê-me a ocasião de lhe prestar para alguma coisa e subscrevo-me

De V. Ex.<sup>a</sup>  
At.º Ven.<sup>do</sup> e Obrig.<sup>do</sup>  
F. Martins Sarmiento

---

<sup>(1)</sup> Nesse ano de 1884 Nery Delgado e P. Choffat deslocaram-se a Berlim fazendo parte da Sub-comissão portuguesa de nomenclatura ao V Congresso Internacional e publicaram depois uma nota alusiva ao facto no T. I das *Comunicações dos Trabalhos Geológicos de Portugal* em 1883-1887.

<sup>(2)</sup> Trabalho de Martins Sarmiento publicado no *Compte Rendu* do Congresso de Lisboa de 1880.



## RESUMÉ

Le présent travail fait connaître la correspondance échangée entre deux grands archéologues portugais: Martins Sarmiento et Nery Delgado, de 1877 à 1885 pendant l'organisation du *Congrés International d'Archéologie et d'Anthropologie Préhistoriques* à Lisbonne en 1880.

ANTONIO DOS SANTOS RECHA (1810)

NOTÍCIAS ARQUEOLÓGICAS

ALVARO DE ALENAR

... (faint text) ...

... (faint text) ...

... (faint text) ...

... (faint text) ...

... (faint text) ...

RÉSUMÉ

1882  
1883

Le présent travail fait connaître la correspondance établie entre deux grands anatomistes, parvenus à l'âge de 100 ans, et qui ont vécu pendant 100 ans. Les auteurs ont eu l'honneur de connaître personnellement ces deux hommes de génie, et de leur avoir fait part de leur admiration et de leur respect. Ils ont pu constater que ces deux hommes de génie ont eu une correspondance pendant toute leur vie.

Dr. J. L.

Dr. V. L.

Dr. M. L.

Dr. J. L.

Dr. V. L.

Paris, le 10 Mars 1883

Le présent travail fait connaître la correspondance établie entre deux grands anatomistes, parvenus à l'âge de 100 ans, et qui ont vécu pendant 100 ans. Les auteurs ont eu l'honneur de connaître personnellement ces deux hommes de génie, et de leur avoir fait part de leur admiration et de leur respect. Ils ont pu constater que ces deux hommes de génie ont eu une correspondance pendant toute leur vie.

Les auteurs ont eu l'honneur de connaître personnellement ces deux hommes de génie, et de leur avoir fait part de leur admiration et de leur respect. Ils ont pu constater que ces deux hommes de génie ont eu une correspondance pendant toute leur vie.

Les auteurs ont eu l'honneur de connaître personnellement ces deux hommes de génie, et de leur avoir fait part de leur admiration et de leur respect. Ils ont pu constater que ces deux hommes de génie ont eu une correspondance pendant toute leur vie.

Les auteurs ont eu l'honneur de connaître personnellement ces deux hommes de génie, et de leur avoir fait part de leur admiration et de leur respect. Ils ont pu constater que ces deux hommes de génie ont eu une correspondance pendant toute leur vie.

Dr. J. L.

Dr. V. L.

Dr. M. L.

1. Sur la structure de la membrane muqueuse de l'estomac. 2. Sur la structure de la membrane muqueuse de l'intestin. 3. Sur la structure de la membrane muqueuse de la vessie. 4. Sur la structure de la membrane muqueuse de la vessie. 5. Sur la structure de la membrane muqueuse de la vessie.

Paris, le 10 Mars 1883